

O sobe desce e as pipas



Autor: Sérgio Peixoto Mendes

Quando Hassan cruzou sua pipa e num golpe certo, por baixo, mandou a pipa do oponente para as ruelas íntimas de Cabul, lembrei de minha infância. O filme “O caçador de pipas” é um caminho de volta, retorno garantido à pureza e a magia da infância. Triste de fazer chorar, como boa parte do que acontece no Afeganistão onde a realidade corta a carne, leveza mesmo só com as pipas no ar. Hoje as pipas, praticamente, sumiram, perderam espaço para a tecnologia e são raras. Seu colorido não cobre mais os céus. Preferimos os mouses e os games a uma linha afiada na mão. Assim, nossos horizontes são as nossas telas de computador e o sobe desce mais comum é o da bolsa de valores.

Lembro de um tempo em que me recusava a acompanhar meus pais em seus passeios dominicais para ficar soltando pipas com os amigos da vizinhança. Pipas e férias eram uma conjugação perfeita. Livre, era como me sentia com minha pipa no ar. Um sopro de vento, algumas varetas e muitas folhas de papel de seda, eram tudo que precisava para praticar uma infância colorida. Não foram raras às vezes em que quis tomar o lugar de minhas próprias pipas e voar. Como no filme de Marc Forster, as lágrimas insistem em derramar, mas é só saudade do simples.

O céu hoje não é o mesmo, parece digital. Sujeito a todas as tempestades já não provoca mais o brilho no olhar. E mais raro olhar para cima, e o nosso umbigo parece ter se tornado nosso foco essencial. Que saudade das pipas.